

---

## **Memórias do Seguro: Exclusão interna na Penitenciária Regional do Serrotão**

Helmano de Andrade Ramos  
Rosilene Dias Montenegro  
UEPB  
UEPB-UFCG  
[Helmanoandrade@yahoo.com.br](mailto:Helmanoandrade@yahoo.com.br)

Trabalho analisa como cada setor que compõe a arquitetura penitenciária moderna influencia diretamente na vida dos detentos, individual e coletivamente. Para tanto foram realizada uma série de visitas e de entrevistas com os apenados do *Presídio Regional Agrícola do Serrotão*, localizado na cidade de Campina Grande-Pb, espaço central de desenvolvimento da pesquisa, objetivando a distinção de cada compartimento em sua forma arquitetônica e simbólica, bem como, o estabelecimento de diálogos com detentos e ex-detentos, visando recolher informações que nos permitissem aproximar suas vidas de cada recinto analisado. Mostrando com isso algumas das várias formas de articulações internas e seus significados para a manutenção do detento cotidianamente.

Em níveis teóricos o artigo estabelece uma interlocução com as obras de Erving Goffman “*Manicômios, Conventos e Presídios*” (1996), no tocante às análises que desenvolvem sobre o cotidiano apenado e as formas diárias com que aqueles lidam com o sistema carcerário, bem como, os procedimentos do sistema e a arquitetura total; de Clifford Geertz “O saber local” (2001), em que procura demonstrar a necessidade do pesquisador tomar o estudo a que se lança em sua condição de particularidade, buscando construir leituras do acontecimento narrado a partir da rede de sentidos antropológicos que lhes dá eixo.

No sentido de uma leitura que torna o método etnográfico imprescindível na compreensão dos sistemas culturais que se pretende descrever, visto ser esse o caminho para a formação de um saber próprio, “saber local”, que articula as “Memórias, História e Esquecimento (RICOEUR; 2008) com a história oral e se expandindo para “A invenção do cotidiano: artes de fazer” (CERTEAU 2000; 2002), no que diz respeito a compreensão veiculada sobre o jogo entre as estratégias e táticas que se dão no cotidiano social e a forma como os pesquisadores ligados aos ciclos de debates se utilizaram do caminho teórico-metodológico para estabelecerem suas análises.

Sem dúvida foi Michel Foucault “Vigiar e punir” (2008) e “Microfísica do Poder” (1979), que nortearam nossas análises sobre as teias capilares que orientam as relações de poder e o

complexo aparato disciplinatório que normatiza o sistema carcerário. Da articulação entre as perspectivas analíticas de Foucault e Certeau resultaram algumas análises que estabelecemos das vivências dos apenados no *Presídio Regional Agrícola do Serrotão*. Espaço em que as relações de poder ao estilo Foucaultino vêm à tona, não só a partir da elaboração de um poder específico, mas de sua utilização para fins específicos e a partir de práticas que visam a burlar a racionalidade estratégica na “Sociedade das prisões” (Foucault, 2008:110.).

Adentrar no Complexo Penitenciário do Serrotão nos remete a um segundo nível de espacialidade, aquele que diz respeito à arquitetura física e simbólica, que lhe dá sentido e que estabelece sentidos para os detentos que o integram. Havendo que se considerar a espacialidade do Complexo Penitenciário, em geral, e, especificamente, a arquitetura do *Presídio Regional Agrícola*. Em face de nosso estudo se deter na leitura das relações que se desenvolvem no Presídio foi que destinamos maior atenção à sua espacialidade, ainda que consideremos as articulações que ocorrem em âmbito mais amplo.

Observando as cadeias sob função tripla: produtiva, simbólica e de adestramento, é que as Instituições Carcerárias na modernidade são balizadas idealmente. Entretanto, observa-se que, na prática, a função produtiva não atinge a expressividade das outras duas, que articuladas possibilitam o “funcionamento” do sistema. A isso, atente-se para o fato de que esse “pseudofuncionamento” se efetiva a partir de articulações outras, mais importantes que o saber/poder disciplinador e normativo, que são estabelecidas com base em condições externas às estratégias institucionais, por meio de dispositivos táticos que transformam as relações de poder em uma complexa rede movida por interesses que fogem ao controle do sistema normativo oficial.

#### Teoria

Com base no que nos diz Foucault (1979:171) sobre essa questão temos que, o processo de luta e utilização do saber nas táticas “anti-ciência” insurge-se não tanto contra os conteúdos, métodos e conceitos, mas contra tudo que obscurece os efeitos do poder através de um discurso “científico organizado”. A genealogia liberta da sujeição os saberes históricos, tornando-os instrumentos contra as coerções de um discurso científico e suas hierarquizações, que faz emergir seus efeitos de poder, a genealogia é tática a partir da discursividade local que ativa os saberes que são exercidos em sua forma prática, burlando a forma estratégica diária, e em meio a essa, produzindo formas que viabilizem a sobrevivência e possam trazer melhorias para as condições de estadia e manutenção do apenado.

O discurso oficial, respaldado na cientificidade moderna, pretende se instituir neutralizando a oposição do dominado, utilizando-se de técnicas próprias ao interior institucional, através de uma "mecânica capilar do poder", que controla corpos, gestos, atitudes, vozes, em um regime "sinóptico de poder" (FOUCAULT, 1979:131); de exercícios plurais e microscópicos, garantindo a manutenção e reprodução da relação de força, essencialmente repressiva. Portanto, em sintonia com o que afirma (FOUCAULT, 1979:176), se torna mais viável pensar a Instituição Penitenciária evitando os romantismos das concessões e evidenciando os combates efetuados em seu interior, já que "poder é guerra".

Que data de 1810, quando é instituído o código penal. Em 1838 são reformados os sistemas prisionais sob uma organização que pretende funcionar adestrando e controlando pela sujeição do corpo e da mente. A técnica penitenciária (de funções acumulativas) se aprende, se transmite e se prolifera. Parafraseando Foucault (2008), o séc. XIX torna legítimo o poder das Instituições em punir e disciplinar através de um método "racional" e homogeneizador, aplicando-se a "Arte de Punir" (Foucault, 2008).

Assim, a história do procedimento penal tem como aspecto demarcador a gênese de um saber sobre a anomalia, a insurreição dos saberes "dominados", bem como, a crítica efetiva ao Manicômio e a Prisão que as organizações funcionais tentam mascarar.

Mas, que em instância prática se configura numa maquinaria que impede a identificação do titular do poder, sujeitos e lugares estão em constante mudança, então a questão do poder não pode ser colocada exclusivamente em termos institucionais. O poder é mais complicado, denso e difuso, permite hierarquias, enquadramentos, inspeções, condicionamentos e adestramentos, em uma rede piramidal, onde o ápice não exerce exclusivamente o poder, que está distribuído por toda a pirâmide, inclusive em sua camada inferior, que se faz "produzida" no interior dos compartimentos analisados, no caso específico em análise: as espacialidades física e simbólica que dão contorno ao cotidiano apenas no interior do *Presídio Regional Agrícola do Serrotão*.

É o que ocorre na maioria dos casos, o preso inicia seu período interno após o reconhecimento de 15 dias, na área conhecida como "favela", convivendo com todos os outros detentos. Contudo, por motivos como dívidas ou brigas internas, rixas entre facções e expulsões é obrigado a subir evitando execução, já que está prestes a ser assassinado, nos termos internos ele é a "Bola da Vez", ocasião a que o detento toma conhecimento a partir do jogo de ameaças que é feito pelos demais, o que serve para alertá-lo do risco que sua vida corre e, claro, causar no mesmo os

sentimentos de medo e pânico, de forma que, na grande maioria dos casos, o indivíduo assassinado sabe da sua sentença, já que esta é debatida por cúpula e em seguida é informada aos demais detentos, em casos mais graves.

tem uns cara lá que quando tã na parte de baixo convivendo com os outros presos, ai os cara se viciam em alguma coisa geralmente é em pedra, né, se viciam em pedra ai começam a queimar demais, ai chega a dois três mil reais... então, não tem condições de arcar com as conseqüências, com as dívidas, ai o que é que ele faz? chega um belo dia que ele se nória demais, vem aquele... vem aquela verdadeira síndrome do pânico, ele pensa que as pessoas lá tã querendo matá-lo porque ele tá devendo, ele (palmas) corre pro seguro, chega lá fica no seguro (trecho de entrevista realizada com Severino dos Ramos Lima, “Raminho”, 2007).

Na continuação de sua fala, “Raminho” informa que há casos freqüentes de que o detento nem chega a descer, já que durante os 15 dias em que passou em regime diferenciado os diretores avaliaram sua situação entre os demais e perceberam a inviabilidade de retirá-lo do sistema seguro. Resultando disso que a direção acaba por decidir sobre o destino de determinado detento na Instituição, em alguns casos, ainda nesse estudo prévio pode haver a indicação de alguma habilidade técnica que faz deste um detento funcional, já que a grande maioria dos trabalhos, principalmente braçal, nas Penitenciárias é executada por detentos.

Então esse compartimento (Sistema Seguro) é propriamente o que dar funcionalidade ao presídio, pois abriga todos os espaços funcionais, que descrevemos a seguir.

No sentido da extrema esquerda, o muro que dá acesso internamente à Penitenciária Máxima, utilizada principalmente no trânsito dos agentes e na condução de apenados transferidos da Penitenciária Agrícola e mesmo na troca de informações, já que o primeiro presídio, inaugurado recentemente, possui direção vinculada ao segundo.

Uma pequena área livre que serve como campo de futebol - atividade que paira no imaginário subversivo - e a cela da caixa d’água, sob comando de um detento que controla o banho de determinados detentos pela responsabilidade de abrir e fechar e controlar os horários, são estruturas situadas atrás do pavilhão individual 1 Um.

È nesse sentido que se faz necessário conhecermos por dentro o que seria um pavilhão apesar de termos uma idéia atmosférica, especificamente se constituem núcleos de moradias subdivididos conformes imaginários fabris, (essa, por sua homogeneização arquitetônica e funcional) que se destinam aos detentos que possuem uma melhor condição financeira e já estão perto do fim de suas penas em regime fechado.

À frente da enfermaria encontra-se o pavilhão dos albergados que curiosamente não possui celas pela sua utilização como escola primária - antiga marcenaria (e o desativamento pelo risco ou pela não funcionalidade)- durante o dia, a noite recebe os detentos do semi-aberto, todos os dias, e do aberto, nos finais de semana. Sendo a entrada programada sempre para as 18h30 e a saída para as 6h30, mediante assinaturas para averiguação do comparecimento quando das recontagens diárias.

Dessa forma, o trabalho penal pode ser pensado como sendo um tipo de trabalho que tem a particularidade de não servir para nada, visto que, a intolerância, o ilegalismo e as irregularidades permeiam todo o sistema que lhe dá sustentação - do âmbito judiciário ao penal - ganhando contornos de desmandos que desenvolvem técnicas de torturas dos corpos, “o surgimento das penitenciárias traz consigo a penetração da violência diária e de diversas formas punitivas” (FOUCAULT, 1979:173), apesar de nas Penitenciárias todas as funções serem efetuadas por apenados, pessoas que já chegam com algum tipo de “profissão”, já que sua aquisição interna é nula.

Esse tipo de sistema (Penitenciárias agrícolas), implantado pelos americanos com “o fim corretivo do sujeito e aprendizado de um ofício”, facilmente transforma os indivíduos e os faz “elevados a categoria de escravos civis”, além disso, há uma ofensiva moralizante que se veicula em meio aos operários para constituir (para estes) uma identidade separada da delinquência. Nessas instituições se recrutavam a delinquência, daí o nascimento da literatura policial e jornais com narrativas de crimes onde os pobres eram as principais vítimas e personagens, identificados como grupos perigosos, carregados de vícios, que na prisão acionavam/aprendiam todos os tipos de mecanismos que os aperfeiçoavam no crime e quando saíam não podiam/sabiam fazer nada a não ser voltar a delinquência, resultando disso uma compreensão de que o sistema ao tempo que estigmatiza, profissionaliza.

Subindo para a parte interna do presídio, no sentido que as visitas fazem, encontra-se um outro portão que divide a entrada do primeiro compartimento que é a parte segura da Penitenciária. Esse espaço não consiste especificamente em pavilhões ou celas, mas, de uma área arborizada, localizada na parte superior do presídio "um mini-presídio", região em que se encontra algo que lembra uma Penitenciária Agrícola (a chácara e os criadouros). Espacialidade em que convivem os detentos banidos do convívio com a massa, sendo estes, na maioria dos casos, indivíduos ameaçados de morte ou, mesmo, que têm um papel funcional no presídio. Presos mal vistos pela maioria dos apenados e, principalmente, pelos “comandos” (conhecidos por suas ligações com o

crime, por pertencerem a facções rivais e/ou terem cometido infrações aos códigos internos) que sendo excluídos do convívio com a maioria, que habita áreas de massa como a "Favela" (de que tratamos mais adiante, por considerarmos ser a parte mais importante no que diz respeito as identidades mais vinculadas ao crime, abrigando-as).

Os pavilhões consistem em grandes galpões que, no caso dos albergados, contêm uma estrutura onde funciona, em dias de visita, a escola primária no período da manhã e a antiga marcenaria, sob comando de um apenado que em troca cuida dos colchões dos detentos quando de suas ausências, evitando trocas ou utilização em outros sentidos.

Cercado por trás pelo pavilhão 1 e pelo pavilhão dos albergados e na frente pela enfermaria, encontra-se as celas especiais, bastante comuns e necessárias nas Penitenciárias, são as celas de reconhecimentos que abrigam por um determinado período as pessoas presas recentemente, 15 dias no máximo. Período em que se “avalia” periculosidade, vícios, crimes e forma de adaptação do detento a nova realidade, corroborando com o que diz Foucault “bastam três dias para verificar se alguém já sabe como viver aqui dentro” (FOUCAULT, 2008:179).

É um primeiro contato deste com os futuros companheiros para saber de algumas inimizades, evitando um conflito logo de início. Essa é a chamada fase pré-paciente que age diretamente sobre o corpo e a mente dos apenados que se encontram no período do “reconhecimento”, em que a direção terá as referências principais sobre comportamento, personalidade, periculosidade. Processo que serve, principalmente, para perturbar o sistema emocional do interno, por meio de um clima constante de tensão e isolamento que pode durar entre 15 e 30 dias, para ser reconduzido às celas coletivas. Esse período expropria o detento de seus caracteres morais anteriores, para que incorpore o modelo vigente a que deve se adequar. Processo semelhante ao que se dá com todos os indivíduos que passam por sistemas de internamento, havendo a “passagem do status civil para o de internado” (GOOFMAN, 1996:?). É um primeiro contato, mas, é, também, o momento em que o indivíduo vai desenvolver a formação de todo um conjunto de contatos (que serão seus contatos), visando uma melhor “estadia” na Instituição, aliado a fórmula do castigo e privilégios.

Porque sua presença passa a ser percebida pelos outros apenados, iniciando-se o jogo de ameaças, principalmente, dependendo do crime que cometeu e de sua relação com os demais detentos pelo nome. Pode ocasionar invasões e mortes, protesto para o não mantimento de um detento na Instituição.

eu participei, quer dizer que eu tava no meio dessa transferência, 10/11 comigo, eu e mais 10 fomos transferidos, isso em 2003, junho de 2003, dos 11 que tavam comigo até eu né tinha muitos inimigos aqui, fui transferido do Instituto Penal Sílvio Porto, que inclusive é uma cadeia de regime Máximo também, aí quando nós chegamos lá, isso na sexta, quando foi no sábado pela manhã, a nossa recepção foi que uma galera de assim... de mais de 100 presos armados, entraram no pavilhão da mini-máxima e mataram 6 dos nossos, por conta de inimizades. (trecho de entrevista realizada com Severino dos Ramos Lima, “Raminho”, 2007).

Diferença celas individuais e coletivas, ou momentos de interação e amizade quando de um detento respeitado que reincidiu no crime, para em seguida voltar as suas celas coletiva ou individual, a segunda principalmente conseguida a custa de dinheiro "cela de cadeia é comprada nunca dada" (conforme afirmação da maioria dos entrevistados).

Assim, em caso de primeira prisão dificilmente ele terá uma cela individual, passará primeiramente a um convívio coletivo.

No seguro pavilhão do isolado re reconhecimento, mas também, são celas que podem ser destinadas àqueles que cometeram infrações internas, basicamente homicídios, que pode acarretar conseqüências futuras em relação aos processos individuais, mas que na prática se constitui, basicamente, numa punição estabelecida pela direção do presídio e "comunicada" a justiça, ficando o detento em sistema diferenciado em relação a banho de sol (período e horários), longe do contato com os outros presos, tendo visitas e alimentação à parte. Isso ocorre em casos, principalmente, de matadores de policiais, líderes de rebeliões, sofrendo punições físicas e principalmente psicológicas - onde “bandido vira bicho”, (“momento de ira muita ira tinha saído do isolado”- Trecho de entrevista com Severino dos Ramos Lima, 2007) -, além de possíveis acréscimos em suas penas. Em seu contexto físico são geralmente as piores celas, aquelas que, normalmente, são inabitadas pelos detentos em virtude de suas péssimas condições de iluminação, clima, circulação de ar, destinadas aos líderes e infratores justamente para servir de exemplo.

Com base no que diz Foucault temos que o isolamento é pensado para:

1 garantir a segurança pessoal dos loucos de suas famílias, 2 liberá-los das influências externas, 3 vencer suas resistências, 4 submetê-los a um regime, 5 impor-lhes novos hábitos intelectuais e morais, isolamento e castigo como forma interior de punição, copiada pelos modelos Inglês XVIII e XIX quando os crimes passam a ser julgados por sua gravidade, de acordo com regras e rituais específicos que atenuam ou agravam a situação mas, também, produzem lembrança do interior punitivo e rituais próprios ao período de cárcere, tatuagens trazem vivas lembranças de sentimento e de revolta que marca o cotidiano do poder punitivo no “Teatro dos Castigos” (FOUCAULT, 2008:95)

Situação ativada pelo modelo imposto pelo regime e pela tortura, fazendo –se “ostentar suplícios”.

À frente do pavilhão individual 1 encontra-se a enfermaria que, embora existam nas Penitenciárias, não suportam situações de grandes proporções sendo necessário o encaminhamento para hospitais. Apesar de ser um lugar pouco freqüentado pelos detentos é aí onde estão os doentes, sobretudo, aqueles que têm tuberculose, causada pelo frio intenso e a umidade presente no interior dos pavilhões. Além da constante exposição a inalação de fumaça, por parte da maioria dos apenados que chegam a esses setores. “Na enfermaria tem de tudo, AIDS, tem um monte de caras aidéticos lá, tuberculose, o que mais tem lá é tuberculose, pessoas com tuberculose, furos de espetos, facas...” (trecho de entrevista realizada com Severino dos Ramos Lima, “Raminho”, 2007). Em menor grau se dá a incidência de AIDS, adquirida, principalmente, por meio de relações sexuais, aliada a ineficiência na distribuição de preservativos aos apenados e às suas companheiras. O que pode fazer com que o vírus se espalhe de dentro para fora da Penitenciária; através da elaboração de tatuagens, feitas com agulhas afixadas a um gravador de pilha, cortando a epiderme e tendo os riscos preenchidos com tinta azul de caneta, usadas nas cartas "catatau", para em seguida terem suas ondulações niveladas por pancadas de sandálias - que podem ou não representar aspectos da vida, crime, articulações ou estigmas por parte do detento, simpatia ou sentimentos, sendo estas de difícil interpretação;- por meio de seringas contaminadas quando de sua (re)utilização para “picos” (compostos de medicamentos, por vezes, conseguidos nas enfermarias) nas veias.

É na enfermaria que vão parar aqueles que se encontram furados por espetos de fabricação artesanais, no geral bastante enferrujados, dificultando o tratamento. Havendo casos de detentos que se furam, sejam para saírem da cela ou da Penitenciária. Nas palavras de “Raminho”: “pra saírem de dentro do presídio se cortam, sair pro hospital a... não voltar pra dentro do presídio” (trecho de entrevista realizada com Severino dos Ramos Lima, “Raminho”, 2007).

No caso do Serrotão a enfermaria é composta por 6 celas, sob comando de apenados de confiança, que via de regra permanecem abertas, permitindo a saída dos detentos para a área segura. Contendo ainda um local de depósito de alimentos, destinado aos detentos impossibilitados de locomoção; uma outra sala para atendimento e distribuição de remédios, receitas e autorização para remoção ao hospital.

Ao lado direito da enfermaria encontra-se a chácara Penitenciária, onde se cultiva, principalmente, verduras que se destinam ao consumo nas cozinhas, já que são duas; criam-se patos



e galinhas. Atividade desenvolvida por três indivíduos. A área cultivada em relação a não cultivada é insignificante, o que é de se estranhar em se tratando de uma Instituição Agrícola.

À frente dessa chácara e ao lado do pavilhão individual 1 encontra-se a Igreja evangélica, aberta diariamente e com reuniões às quartas-feiras e aos domingos para proporcionar a presença dos familiares dos detentos, sob liderança espiritual de pastores e coordenação cotidiana de detentos convertidos, já que a prisão e o medo tem por característica principal buscar a submissão corporal e mental do indivíduo. Sendo estes submetidos à constantes castigos físicos e psicológicos. Inovações que se fizeram, cada vez mais, freqüentes nas penitenciárias francesas do séc. XIX, para auxiliar as técnicas punitivas e fazer-se ideologicamente justificada, tecendo uma “Teologia Jurídica” (FOUCAULT, 1879:203).

Ao seu lado têm aparecido, em maiores proporções, celas que anteriormente eram destinadas à vigilância dos apenados, mas que por suas funcionalidades passaram a ser habitadas por detentos. Aqui nos referimos a cela de criação de galinha, localizada ao lado da Igreja evangélica; ao bloco de celas dos funcionários da oficina de panificação e da barbearia, variando o número de presos de uma para outra ou podendo ser individual; ao lado deste bloco há um outro semelhante que contém as celas do chefe de musculação - atividade bastante praticada das 16hs ate às 17hs, no caso dos detentos do seguro, e durante o dia todo, no caso dos que habitam a favela -; há nessa região outra cela destinada ao responsável pelo setor de iluminação, tanto da Penitenciária Agrícola, como da Máxima, interligadas por uma única casa de força; e, por fim, outras celas que se destinam aos detentos do setor administrativo e da cozinha, bem como, as próprias cozinhas que servem como locais de pernoite.

Como culminância da espacialidade do Sistema Seguro temos a quadra de esportes que é de uso exclusivo dos detentos que habitam a região. Essa é pouco utilizada, visto que os apenados gastam seu dia em trabalhos específicos e a localização da quadra favorece o jogo de ameaças dos detentos da Favela em relação aos que habitam o seguro, por sua proximidade do portão que divide um setor do outro. Assim, a quadra é “inutilizada”, sendo mais constante as atividades físicas, a malhação, feita com pesos de cimento, sob coordenação do chefe de musculação.

Portanto, interessa-nos perceber que no interior do cárcere a vida de cada detento depende, principalmente, dos “olhares” que sobre ele são lançados ou, mais propriamente, de como este constrói sua “identidade apenada” que vai servir-lhe para distribuir-se, classificatoriamente, entre detentos bem vistos e mal vistos, organizando o sistema espacial e simbólico. Ele precisa tomar

consciência de sua condição de “preso”, afastando-se de exigências e ligações afetivas que tinha na sua antiga vida (fora do sistema carcerário), conforme colocado na narrativa de “Raminho”:

O que o preso deve pôr na cabeça dele é que certas coisas que eram válidas pra ele aqui fora, lá dentro já não vale nada, tem que aprender a viver sem certas coisas, ele tem que aprender a viver sem uma comida bacana; ele tem que aprender a viver sem uma palavra de amor, de carinho, todos os dias no pé do ouvido; ele tem que aprender a viver sem filhos, sem mulher; ele tem que ter consciência cara de que ele é um preso, de que ele é um preso e com o passar dos anos o cara vai perdendo o vínculo com a família e com os amigos e ele acaba adquirindo uma personalidade que ele nunca sonhou ter, ele nunca sonhou ser aquilo, o cara pode até desenvolver os instintos mais baixos que um ser humano pode ter, sabe cara, pode até acontecer isso (trecho de entrevista realizada com Severino dos Ramos de Lima, “Raminho”, 2007).

## **Bibliografia**

- CERTEAU, Michael de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes.  
CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: morar, cozinhar (vol. 2)**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.  
FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**, 23ª ed. Rio de Janeiro: Graal editora, 2007.  
FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: História da violência nas prisões**, 33ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008  
GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em Antropologia interpretativa**, Petrópolis: Vozes, 1998.  
GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar editores. Rio de Janeiro, 1978.  
RICOEUR, Paul. **História, memória e esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2008.

1. Entrevista realizada com Severino dos Ramos Lima, “Raminho” em agosto de 2007.
2. Entrevista realizada com Aldo Riccelli em agosto de 2007.
3. Entrevista realizada com o diretor do presídio em agosto de 2007.
4. Fotografias cedidas pela direção do Presídio.
5. Fotografias feitas *in loco*.
6. Registro cartorial da edificação do Presídio.
7. Anotações realizadas a partir das observações que fizemos nas visitas periódicas ao *Presídio Regional Agrícola do Serrotão*, iniciadas em junho de 2005 e encerradas em maio de 2008. Neste período, além de dialogarmos com os apenados de maneira geral, dialogamos com os detentos das celas do “seguro” e da “favela”.